

OLHARES PSICOLÓGICOS: AS ADOLESCÊNCIAS E AS INFLUÊNCIAS DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO SOB A ÓTICA DE PROFISSIONAIS PSICÓLOGOS/AS

Psychological views: the adolescents and the influences of information and communication technologies under the optics of psychologists and professionals

Ivan Ernesto Floriano¹

Letícia de Andrade²

Allan Henrique Gomes³

Recebido em: 31 jul 2017

Aceito em: 11 set 2017

RESUMO

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) transitam densamente na atualidade, com relativa intensidade entre adolescentes, chegando muitas vezes aos profissionais de Psicologia como uma demanda de atendimento. Diante desse panorama, procurou-se investigar o entendimento dos profissionais de Psicologia sobre as TIC's e as adolescências e, ainda, as relações por elas mediadas. Considerando que as demandas destes tópicos no campo de atuação dos psicólogos são crescentes, procura-se tecer neste trabalho uma problematização das confluências destes aspectos na esfera de intervenção "psi". Para tanto, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com sete profissionais da psicologia com idade entre 25 e 50 anos e tempo de formação entre 4 e 24 anos, que em sua prática estabelecem contato com adolescentes por mais de 2 anos. Concluiu-se que o modo como os profissionais

1 Psicólogo pela Associação Catarinense de Ensino/Faculdade Guilherme Guimbala (ACE/FGG). E-mail: ivan.kxe@gmail.com

2 Graduanda em Psicologia e monitora do Laboratório de Psicologia Social Comunitária da ACE/FGG. E-mail: ldandrade@outlook.com

3 Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto na Universidade da Região de Joinville – SC (UNIVILLE). Professor integrante do Laboratório de Psicologia Social Comunitária da ACE/FGG. E-mail: allanpsi@yahoo.com.br

entendem o uso das TIC's é atravessado pelas suas concepções de adolescências.

Palavras-chave: Adolescência. Tecnologias. Psicologia.

ABSTRACT

Information and Communication Technologies (ICTs) are nowadays densely moving, with relative intensity among adolescents, often reaching professionals in Psychology as a service demand. In this context, we sought to investigate the understanding of Psychology professionals about ICTs and adolescents, as well as the relationships mediated by them. Considering that the demands of these topics in the field of psychologists are increasing, we try to weave in this work a problematization of the confluences of these aspects in the sphere of intervention "psi". For that, semi-structured interviews were conducted with seven psychology professionals aged between 25 and 50 years and training time between 4 and 24 years, who in their practice establish contact with adolescents for more than 2 years. It was concluded that the way in which professionals understand the use of ICTs is crossed by their conceptions of adolescents.

Keywords: Adolescence. Technologies. Psychology.

INTRODUÇÃO

Percebe-se que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) estão se disseminando em nossa sociedade, transitando nas relações com grande intensidade e oferecendo, assim, uma abundante e veloz circulação de dados e impactos na forma como vivemos. O aumento da quantidade de informação circulante e a potencialização na virtualidade das relações, através de diversas plataformas, certamente produzem efeitos na dinâmica social - efeitos que se refletem também nas adolescências.

Sobre o assunto, Castells (*apud* WERTHEIN, 2000, p. 72), afirma que "os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade porque a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a serem afetadas diretamente pela nova tecnologia".

A sociedade tem enfrentado dificuldades em lidar com a constante presença e utilização dos novos dispositivos como *tablets*, *notebooks* e

smartphones, que se propagam nas escolas, nas organizações e também na vida privada, entre as relações familiares, especialmente por serem smartphones que acompanham e interferem nas relações dos sujeitos em muitas atividades cotidianas. Diante disso se faz pertinente conhecer a repercussão destas interações tecnológicas em um processo também de grande importância para a constituição da subjetividade.

Para efetivamente iniciar uma análise das percepções dos profissionais de Psicologia sobre as influências das TIC's nas adolescências, faz-se necessário e de relevante importância demonstrar o que se pensa aqui ser a adolescência. Neste sentido, o primeiro tópico do presente artigo irá discutir sobre as adolescências a partir de alguns referenciais teóricos, considerando também as percepções que os profissionais da Psicologia estabelecem em sua prática. Posteriormente procurar-se-á elucidar o entendimento que os sujeitos desta pesquisa estabeleceram sobre as tecnologias, suas relações e demandas.

A acepção mobilizada neste texto é a de uma adolescência construída de forma integral, sujeita às influências históricas, midiáticas e relacionais; nesse sentido, os jovens absorvem os elementos à sua volta, os delimitam conforme suas peculiaridades e assim elaboram meios de se conduzir no mundo. Os adolescentes são produtos participantes de suas próprias construções. Utiliza-se o termo adolescências aqui para designar as inúmeras possibilidades potenciais de construções deste momento, reflexos das diversas conjugações possíveis de relacionar-se. Adolescências simbolizam as pluralidades possíveis de interações e experiências que os sujeitos estão construindo.

A respeito da adolescência, Ozella (2002, p. 20) contribui para a compreensão deste conceito:

São características que surgem nas relações sociais, em um processo no qual o jovem se coloca inteiro, com suas características pessoais e seu corpo. Como parceiro social, está ali, com suas características que são interpretadas nessas relações, tendo um modelo para sua construção pessoal.

Neste momento em nossa sociedade ocidental, industrializada, consumista e fortemente influenciada pelas TIC's, os adolescentes, passam a ser um dos alvos de um movimento que os impelem a agir de forma específica. São influenciados por uma categorização imposta através de expectativas que lhe são direcionadas para satisfazer à uma

necessidade produtiva. Devido à esta exigência, para atender uma necessidade cada vez mais técnica do mercado, os jovens precisam estar mais tempo disponíveis para sua formação e conseqüentemente mais dependentes do auxílio dos pais (CLIMACO *apud* ANACHE, 2001).

Diante deste contexto, a comunicação de massa⁴ reproduz e sustenta o papel naturalizado de adolescência, induzindo os jovens a se construírem através de modelos que passam a ser referência para sua formação. Diante disso, se moldam também a partir de identificações alienalizantes. É certo que os jovens não são fantoches absortos e sem opinião, mas a influência da mídia e todas as tecnologias que os circundam afetam suas considerações e influenciam nas suas habilidades de fazerem escolhas.

A amplitude de todas as transformações da atualidade influenciou até na percepção do espaço e do tempo, assim como nas relações. Estas forças ainda não foram compreendidas, principalmente no sentido de prever efeitos e conseqüências, entretanto agem fortemente sobre toda a sociedade (MCLUHAN *apud* DORNELLES, 2002, p. 227).

Diante de uma influência massificada é compreensível ser levado a entender as adolescências sobre uma perspectiva naturalizada. Porém, para escapar desse olhar, é preciso constante vigilância, pois hegemonicamente, de uma maneira geralmente informal, os diálogos reproduzem essa idéia a ponto do descolamento ser praticamente inexequível. Convive-se hoje com muitas formas de informação e comunicação, presentes e adotadas por grande parte da população; neste sentido, é possível arriscar-se a dizer que a juventude é também adepta a tais tecnologias.

As pesquisas, os estudos e mesmo a observação cotidiana sinalizam essa tendência, entretanto, para que se possa situar adequadamente, é pertinente tirar proveito de uma pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – CETIC – que realiza anualmente o monitoramento da utilização das tecnologias. A pesquisa, realizada no ano de 2014, com o intuito de mapear os riscos e oportunidades online, demonstrou que dos 2.105 usuários pesquisados com idade de 9 a 17anos, 82% fazem uso da internet através de smartphones, e 78% dos respondentes

4 Refere-se neste caso a transmissão de informações direcionadas para um grande e variado público em um território (JOHNSON, 1997, p. 45).

são adeptos do Facebook o que demonstra a forte adesão também às redes sociais. Anteriormente no ano de 2013 os dados demonstraram um percentual ainda de 53% ao acesso a internet via smartphones o que comparativamente ao ano de 2014 valida uma tendência de crescimento.

Portanto, vale ressaltar que o uso da internet tem crescido exponencialmente, sobretudo quando se trata dos aparelhos móveis, como por exemplo, os smartphones. As TIC's não são mais estáticas, estão na vida cotidianamente, acompanhando os jovens em praticamente todas as suas atividades.

Partindo do que foi exposto, é relevante considerar que a percepção através dos olhares dos profissionais da Psicologia sobre as adolescências e suas influências pelas TIC's na atualidade pode contribuir para uma compreensão relevante das novas relações sociais estabelecidas por estes jovens, além de fornecer elementos para uma compreensão sobre como os psicólogos estão lidando com estes fenômenos em sua área de atuação.

METODOLOGIA PROPOSTA

Este estudo iniciou-se pela definição dos profissionais a partir do apontamento das clínicas de psicologia em Joinville/SC, tendo como critério de inclusão na pesquisa, profissionais com mais de 2 anos de experiência no atendimento a adolescentes e jovens⁵.

O levantamento inicial dos profissionais foi realizado mediante indicações no próprio circuito profissional e no movimento da pesquisa. Sendo solicitado aos psicólogos/as contatado/as, quando houvesse disponibilidade, a recomendação de outro/a profissional.

Foram realizadas coletas dos relatos de sete profissionais da área através de entrevistas semiestruturadas que se caracterizam por um dispositivo onde perguntas abertas e fechadas combinam-se para promover o discurso do entrevistado de forma aprofundada e espontânea (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75). Obteve-se através da narrativa

5 Neste texto problematizam-se conceitos de adolescências com os quais buscou-se criticidade e coerência teórica. Contudo, utilizam-se as expressões jovens e adolescentes sem diferenciação, pois entende-se que são termos comuns no discurso psicológico (campo de pesquisa).

dos profissionais em encontros individuais previamente agendados no local de trabalho, informações que foram registradas em áudio e posteriormente transcritas e analisadas.

Os profissionais entrevistados, sendo cinco do sexo feminino e dois do sexo masculino, possuem idades que variam entre 25 e 50 anos e tempo de formação entre 4 e 24 anos com atuação profissional em diversos espaços e contextos. São orientados pelas abordagens Sócio Histórica, Psicodinâmica, Ludoterapia, Gestalt Terapia, Teoria Cognitivo Comportamental e Teoria Sistêmica. Para preservar a identidade dos sujeitos pesquisados os mesmos serão identificados durante seus relatos no presente trabalho pela denominação de sujeitos, S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7.

A pesquisa possui um caráter exploratório de abordagem qualitativa, oferecendo ao sujeito investigado a possibilidade de discorrer sobre o tema. No que tange as entrevistas, aderimos o procedimento de Zago (2003, p. 304), que a compreende como instrumento dinâmico:

Procuro conduzir a entrevista de forma a torná-la próxima de uma discussão, esclarecendo desde o início que aquele encontro não é para levantar conhecimentos do tipo escolar, mas para falar de questões que os informantes vivenciam cotidianamente. A riqueza das respostas está diretamente ligada ao interesse que os temas e o desenvolvimento da entrevista representa para a pessoa.

A partir das transcrições das narrativas dos profissionais de psicologia que foram coletadas através das entrevistas, procurou-se captar o sentido desses discursos e a direção em que apontam, por isso a metodologia escolhida para análise dos dados foi a análise de conteúdo, pois como sugere Chizzotti (apud MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011, p. 734) esta procura “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

Segundo Bardin (1977), a utilização da técnica de análise de conteúdo compreende um processo de três fases: a pré análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. A pré análise se propõe ao exame do material para sua organização. A exploração apoia-se no estudo aprofundado para codificar, classificar e categorizar. E o tratamento de resultados exige a análise reflexiva e crítica (CHIZZOTTI apud MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011, p. 732).

Supõe-se que com a utilização da referida metodologia foi possível obter um delineamento distinto, contribuindo para o desempenho do artigo, como também um controle analítico relevante.

TIC'S E AS INQUIETAÇÕES PROFISSIONAIS

Tratar das relações entre as adolescências e as TIC's perpassa uma fluidez, característica da contemporaneidade, sendo assim para os profissionais algo desafiador, como afirmam Leitão, Abreu e Nicolaci-da-Costa (2005, p. 153):

É exigida dos profissionais atuais uma adaptação veloz às noções de flexibilidade, mobilidade, agilidade, imprevisibilidade, risco, instabilidade e individualização. [...] Tornam-se particularmente perceptíveis através de diferentes manifestações de uma sensação que parece ser comum a diversas categorias profissionais: a de estar à deriva.

Mas além de desafiadores estes temas possibilitam a reflexão sobre o que percebem os olhares dos psicólogos que estão atuando, e quais as sutilezas detectadas por estes no trabalho com o público adolescente. Estas questões permitem refletir sobre como os profissionais estão lidando com as velozes transformações originárias de um tema tão popular e ao mesmo tempo ainda desconhecido.

A percepção captada no campo ao serem tratadas temáticas a partir dos olhares destes profissionais a respeito das adolescências e as influências das tecnologias, suscitaram inseguranças, dúvidas e questionamentos. Tal fato sinalizou como estes profissionais podem estar percebendo e enfrentando o fenômeno destas confluências durante sua atuação, e ilustrando a sensação de desconforto que em alguns momentos foram percebidos durante a coleta dos relatos. Estas constatações são claramente atestadas por Leitão, Abreu e Nicolaci-da-Costa (2005) quando referem que os psicoterapeutas estão confusos e que não encontram sustentação para balizar suas práticas.

A profissional S1 faz menção às próprias vivências para falar das dificuldades em relação à adolescência e a realidade das tecnologias na atualidade, indica a complexidade de acompanhar estas transformações, principalmente quando não apresenta referencial empírico para sustentar sua atuação, então expõe: “agora as coisas mudaram muito, ficaram diferentes, e pra gente que é profissional isso também se torna muito

complicado, entendeu? Porque quando adolescente eu não vivi isso”.

Reforçando a necessidade da prática para auxiliar a sustentação da intervenção relembra ainda da sua formação, exemplifica de forma breve que o processo de formação na Psicologia também é muito prático quando expressa que: “a Psicologia tem muito dessa coisa também de você vivenciar”.

Não muito distante do ponto de vista anterior, o profissional S5 lembra da repentina mudança ocorrida com a popularização do computador e emite também suas incertezas ao tratar do assunto:

Eu ainda te digo que eu não sei dizer, porque primeiro, foi uma mudança muito grande, até o começo de 90 que famílias tinham computador? [...] Vejo os limites ainda de maneira muito tênue. A nível de a gente conseguir entender isso, o desenvolvimento, eu acho que a gente teria que ver esse pessoal com trinta, quarenta anos de idade pra ver o que vai dar.

O psicólogo S6 corrobora e compartilha o desconhecimento em falar desse tema e expressa: “eu fico com receio de precisar alguma coisa nesse sentido, por que eu acho que é cedo para poder dizer”.

Percebe-se que de alguma forma a temporalidade, ou seja, a preocupação com a rapidez das mudanças ou a dificuldade de entender os fenômenos devido à sua recente emergência estão instauradas nessas falas, os profissionais apresentaram em algum momento dos seus relatos hesitações em se posicionar sobre o tema.

Os discursos que foram evidenciados parecem apresentar uma dificuldade de análise a respeito do entroncamento entre as adolescências e as TIC's. Oscilando entre o desconhecimento, a dubiedade e palpite, os profissionais demonstraram a dificuldade de interpretação destas novas realidades. Provavelmente por um arcabouço de fundamentos que não conseguem munir adequadamente os profissionais com direcionamentos mais eficazes para uma leitura da transformação social da atualidade. Por isso, é importante o entendimento destas realidades para uma melhor apreciação das confluências presentes.

Torna-se, portanto, fundamental que os psicólogos conheçam com maior profundidade as transformações sociais em curso para que sejam capazes de compreender os impactos dessas transformações no plano psicológico (LEITÃO; NICOLACI-DA-COSTA. 2003, p. 422).

A psicóloga S3 retrata algumas das dificuldades que enfrenta ao lidar com essa nova ordem: “Tem coisas positivas, tem coisas negativas, mas de modo geral não consigo dizer assim que é mais que acontece se é mais coisa positiva se é mais coisa negativa”. Ainda sobre essas dificuldades, a psicóloga S2 relata: “Eu acho que assim né, aquela coisa que eu venho falando em todas, acho que dá de ficar com isso, tem, deve tá influenciando, mas eu tô no palpite”.

Independentemente da idade dos sujeitos e tempo de formação não foram notadas diferenças significativas em suas percepções com respeito ao tema em estudo, pois se pode supor que profissionais mais novos pudessem ter uma visão mais clara dessa realidade, porém essa diferença não foi constatada. A suposição anterior baseia-se na ideia de que as gerações mais recentes tenham mais facilidade de compreender e interagir com as tecnologias. “As diferenças observadas entre as gerações de usuários se apresentam assentadas, por um lado, no grau de “familiaridade” com que manuseiam e controlam os dispositivos e aparatos tecnológicos” (NEJM; RIBEIRO, 2013, p. 303).

Os relatos além de trazerem à tona dúvidas dos sujeitos pesquisados (principalmente em relação à atualidade do tema), suscitam indagações quanto ao processo de entendimento destas novas realidades. Conclui-se assim que a Psicologia como ciência e profissão tem como papel identificar essas transformações; e transitar por outras disciplinas de conhecimento pode oferecer subsídios para uma apreciação contextualizada do presente. De acordo com Leitão e Nicolaci-da-Costa (2003, p. 428):

Para tanto, é imperativo que, em um primeiro momento, os psicólogos travem contato com a produção teórica de outras disciplinas, a fim de conhecer as principais características do novo contexto mundial e seus também novos laços de coesão social.

As inquietações a respeito do entendimento das novas relações estabelecidas com a utilização das TIC's são uma realidade e evidentemente se refletem também no trabalho realizado com os jovens. Vale esclarecer que o objetivo não é questionar a qualidade técnica desses profissionais, mas problematizar algo que está se apresentando cada vez mais intensamente no ambiente de trabalho destes/as psicólogos/as.

AS PERCEPÇÕES DOS PSICÓLOGOS/AS SOBRE AS ADOLESCÊNCIAS

Ao se tratar das leituras feitas pelos profissionais entrevistados identificaram-se alguns direcionamentos que demonstram como estes enxergam as adolescências, como por exemplo, a profissional S4 assinala:

Adolescência é um período de muita transição, acho que essa é a principal característica da adolescência, onde você tem que elaborar os seus lutos, você perde a infância, você não é mais criança, você ainda não entrou nesse mundão do adulto e você tem que elaborar essas perdas, principalmente essas questões relacionadas aos pais, então o luto.

Neste discurso é possível avistar alguns termos que remetem diretamente ao modelo estigmatizado criticado por alguns teóricos e que contribui para uma perpetuação da adolescência como um momento de transição, destacado por enfrentamento e lutos. Essa concepção foi reforçada por algumas abordagens psicanalistas que a caracterizaram como uma etapa de confusões, estresse e luto também causados pelos impulsos sexuais que emergem nessa fase do desenvolvimento (OZELLA, 2002, p.16).

O destaque para a terminologia usada sobre as adolescências é fundamental, pois os termos e conceitos têm a capacidade de nutrir e perpetuar rótulos, e neste caso as naturalizações. Quando pessoas que se encontram em posições de considerada evidência reproduzem um vocabulário carregado de ideias naturalizadas, podem autorizar os demais a reproduzirem uma forma de pensar e agir sobre este momento do desenvolvimento de forma generalizante, pois, conforme pontua Foucault (*apud* GREGOLIN, 2007, p. 13), “o discurso é tomado como uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos”.

A profissional S3 no seu relato acredita que:

O adolescente ele tá bem numa fase que ele vai se construindo, construindo a identidade, a individualidade dele [...]. Nessa troca que existe com outros jovens pra se reconhecer no grupo, com eles ou também pra se distanciar, se individualizar.

Novamente o discurso acima transcrito leva a perceber a adolescência como um período descolado do desenvolvimento como um todo, claro que não se deve deduzir que estas falas emitem todo o entendimento dos sujeitos a respeito do complexo processo que constituem as adolescências na contemporaneidade. Mas o destaque que se pretende realizar neste momento, é que os discursos dos profissionais sobre este contexto se mostram carregados de posições que entendem a experiência adolescente como uma fase atípica da existência, excluindo-a muitas vezes deste processo.

A profissional S2 enuncia uma ideia da sua percepção deste período do desenvolvimento fazendo alusão a um momento de conflito, diz que: “basicamente o adolescente tem muito conflito familiar, é um momento de conflito, essa fala aparece, sempre aparece, é o conflito geracional”.

O discurso da profissional S1 se coaduna com os demais, se manifestando enfaticamente a respeito de um luto intenso: “na adolescência há uma revolta muito grande, porque ele está no luto pela infância, um luto grande ainda, muito intenso e ele se vê muito longe da vida adulta”.

Percebe-se uma consonância entre os relatos, demonstrando uma visão desse momento da vida como algo segmentado, desmembrado do desenvolvimento em sua totalidade; inevitavelmente tais discursos levam a inferir que essas visões e as maneiras de perceber os adolescentes podem interferir em como estes profissionais atuam com essa realidade.

Entretanto para além de uma leitura naturalizada é possível identificar no relato da profissional S7, abaixo, uma percepção romantizada de adolescência, mas ainda marcada por sinalizações que compartimentam esse processo como uma fase de transição para a vida adulta: “ser florescer né, é uma fase linda cheia de experiências novas, o adolescente experienciando, meio que acorda para o mundo”.

Popularmente a adolescência é considerada pela nossa sociedade como uma fase difícil, um momento conturbado e crítico quando os adolescentes atravessam diversas transformações e enfrentam uma crise de identidade. Opiniões semelhantes com ênfases classificatórias circulam nos discursos de pais, professores e muitas vezes como podemos constatar entre os profissionais da psicologia.

Essa ideia corrente não surgiu ao acaso, ela foi construída e disseminada em concepções naturalizadas com participação ativa

da própria Psicologia. Ozella (2002, p. 16) afirma que “a concepção vigente na Psicologia sobre adolescência está fortemente ligada a estereótipos e estigmas, desde que Stanley Hall a identificou como uma etapa marcada por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade”.

Sendo o jovem submetido a força transformadora da puberdade a qual provoca alterações corporais significativas, até pode-se considerar o fator biológico marcante, mas sem um papel primordial, pois transformações biológicas ocorrem durante todo o percurso de vida, e nesse sentido lembra Rena (2007, p. 31) “a forma como o indivíduo vivencia essas transformações e o significado culturalmente atribuído a esse novo corpo têm igual relevância para o seu processo de desenvolvimento”.

Frota (2007, p. 11) faz um contraponto com as visões naturalizadas de adolescência, apontando para uma compreensão de que esta etapa é construída e contextualizada com a história, tempo e sociedade:

Adolescência, portanto, deve ser pensada para além da idade cronológica, da puberdade e transformações físicas que ela acarreta, dos ritos de passagem, ou de elementos determinados aprioristicamente ou de modo natural. A adolescência deve ser pensada como uma categoria que se constrói, se exercita e se re-constrói dentro de uma história e tempo específicos.

Além do componente biológico os jovens tecem suas subjetividades e relações semelhantemente aos outros agentes sociais, influenciados pelas particularidades da idade, contexto social que se relacionam, ao momento histórico que estão inseridos, fatores econômicos e a visão que toda sociedade constrói deste sujeito. Ou seja, percurso da vida de um sujeito pode ser definida conforme Santana e Rena (2012, p. 145) “pelo conjunto de relações sociais, por sua condição de ser histórico”.

Realizou-se aqui, não como um objetivo inicial de pesquisa, mas como necessidade resultante do trabalho de campo, esquadrihar de alguma forma a conceituação de adolescência. Essa discussão tornou-se pertinente na medida em que se foi identificando um paralelo de dificuldades entre a compreensão sobre as TIC's e as percepções a respeito das adolescências, sobretudo no retorno ao discurso de estereotipação da adolescência como uma fase marcada por crises, dificuldades e lutos.

ADOLESCÊNCIAS, TIC'S E A DEMANDA PARA ATUAÇÃO PSICOLÓGICA

Foi possível observar como os psicólogos participantes do estudo entendem as adolescências e também suas impressões quanto ao contato com a realidade das TIC's no contexto da atuação contemporânea. Outro ponto que é pertinente salientar é a frequência e características destas demandas e como são detectadas por estes profissionais. Os entrevistados relatam que questões relacionadas ao uso das TIC's pelos adolescentes demandam com frequência intervenção psicológica, em sua grande maioria por requisição dos pais.

A psicóloga S1 fala sobre a recorrência destes casos nos indicando o quanto estas demandas são frequentes: “são frequentes, posso dizer que 90 % dos adolescentes que eu atendo, os pais trazem como queixa, uma das queixas quando não é a principal o uso excessivo”.

Também sinalizando que as questões relacionadas ao uso destas tecnologias são mencionadas constantemente pelos pais a profissional S4 fala que: “quando há uma demanda explícita dos pais né, muitos pais chegam e pedem até pra eu tá trabalhando isso em terapia com seus filhos por causa desse uso excessivo”.

A psicóloga S3 também contribui para confirmar que o uso exagerado geralmente por demanda dos pais é um assunto recorrente no trabalho clínico: “aqui na clínica sim, por que daí os pais acham que é exagerado o uso, brigam com o jovem por causa disso, tiram o celular, computador, tudo, é tem bastante paciente né, que eu atendi que roubava o celular de volta do pai”.

A demanda se figura predominantemente por uma indicação dos pais, pois conforme nos posiciona de forma elucidativa o profissional S5 os adolescentes não parecem apresentar dificuldades nessa relação com as tecnologias:

Eu nunca vi nenhum conflito deles com a tecnologia, algum adolescente ou criança trazer algo a respeito, que há um problema não, problema é justamente dessa fala que tem embutida no outro que há o uso excessivo disso.

Sendo assim obtém-se aqui através do relato do profissional S6 mais uma fala que exprime como se dá a relação que o adolescente mantém com as tecnologias como também uma tendência de crescimento no

trânsito pelo mundo virtual: “é bem comum assim até porque dentro da ótica deles é extremamente normal o uso da tecnologia, cada vez mais, transitar na rede virtual é extremamente interessante”.

A partir do que foi captado das falas destes profissionais, podemos identificar que uma demanda considerável se configura no campo de atuação do profissional da psicologia concernente ao aumento do uso das TIC's pelos adolescentes. Percebemos que este fenômeno é bastante presente no campo de atuação desses psicólogos.

É inevitável antecipar que diante desta recorrência confirmada pelos entrevistados e a crescente “democratização do acesso à internet e as tecnologias” (NEJM; RIBEIRO, 2013, p. 301), a presencialidade destas demandas não cessará, e assim é preciso pensar sobre a importância de uma constante reflexão para entender este fenômeno, de forma mais contextualizada. As referências realizadas ao uso exagerado também sinalizam algo que precisa ser melhor compreendido, entretanto é preciso primeiramente definir o que é efetivamente o exagero no uso destes smartphones e sob qual ponto de vista estão sendo concluídas essas quantificações.

RELAÇÕES MEDIADAS PELA TECNOLOGIA

A compreensão de como estes psicólogos entendem as relações e neste caso as relações mediadas pelas TIC's são de grande relevância, pois se considerarmos que na atualidade os jovens estão a cada dia mais adeptos e inseridos nesse mundo tecnológico através de diversas plataformas, o entendimento desse tipo de relação é fundamental também para o posicionamento mediante demandas apresentadas nos espaços de intervenção contemporânea.

As falas destacadas a seguir emitem o parecer dos profissionais a respeito das relações mediadas pelas tecnologias ou influenciadas por elas. A psicóloga S2 descreve seu entendimento sobre o que considera ser relação mediada pelas tecnologias: “é uma relação... Tem troca afetiva, sendo relação tem troca afetiva pra bem, pra mau, pra ruim, pra bom, não sei, mas tem uma troca afetiva e aí são novas formas de entender o negócio”.

Neste parecer percebe-se uma impressão interessante a respeito das relações mediadas, ou seja, para esta profissional o contato com outros assuntos mediados pela tecnologia e seus apêndices são formas de

relação que proporcionam trocas afetivas. Embora não consiga distinguir exatamente os efeitos dessas trocas, ela demonstra um posicionamento que associa a relação a uma troca afetiva e faz referência também a numa nova forma de entender esse fenômeno.

Contrapondo o discurso da profissional S2, S4 diverge no entendimento do que é relação a partir da mediação com as TIC's, para ela as relações virtuais não são reais pelo fato de não se concretizarem no contato pessoal.

Muitas vezes, as relações virtuais, elas não são... Bom, elas são virtuais, elas não são reais. Então, não se pode falar que exatamente seja uma relação. Isso é que eu vejo. Muitas vezes, são contatos que não são concretos. Então, são muito ligados a mais uma fantasia, a mais uma idealização, que algo concreto, real. Eu acho que uma relação real vai se estabelecer a partir do momento, que é de conhecer essa pessoa e poder interagir. Não vejo bem como uma relação.

Os entendimentos dos limites do real e das relações quando pareados com esta nova realidade se tornam um tanto quanto disformes, se torna mais difícil entender os seus mecanismos. O fato de uma relação estar sendo estabelecida através de um sistema online não a caracteriza como irreal e como orienta Turkle (apud DONNAMARIA; TERZIS, 2012, p. 171) relacionamentos reais não estão diretamente ligados a uma presença física, mas sim a importância atribuída a relação estabelecida. Essa divergência no entendimento do que é relação pode sinalizar uma ausência de modelos que orientem a prática destes profissionais no sentido de entendimento desta nova realidade.

A psicóloga S3 apresenta outro aspecto interessante dessa relação que é estabelecida por intermédio das TIC's. A relação virtual neste exemplo produz um vínculo muito intenso, e o encontro face a face, neste caso, parece ser descartável para o estabelecimento de uma amizade:

Eu percebo que eles criam um vínculo muito forte com uma pessoa que eles nunca viram na vida, eles começaram a conversar e em poucas semanas aquela pessoa já é muito amiga deles e eles se preocupam muito com elas.

Os relatos demonstram que as percepções a respeito das relações ainda estão vinculadas a modelos ligados a contatos face a face, o

que provoca, quando confrontadas com a apresentação de mediações estabelecidas com TIC's, certa imprecisão para nomear estas ocorrências. “Desta forma, amizades e relações já não se restringem nem a locais e nem a tempos determinados, mas sim aos instrumentos de mediação - internet, celular, TV, etc. -, que determinam formas diferentes de relações, ou seja, face a face e mediadas” (THOMPSON *apud* PORTELA, 2008. p. 133).

As discrepâncias no entendimento de questões que no passado estavam já sedimentadas, na atualidade se desmancham e oferecem um campo arenoso para a atuação dos profissionais, é difícil emoldurar novos fenômenos a partir de antigos referenciais ou entendê-los sob um único aspecto ou disciplina. Percebe-se a necessidade de uma compreensão que leve em conta questões multidisciplinares; afinal, não é possível conceber o sujeito a partir de um único referencial teórico, ou, ainda, por meio de aspectos relacionados às próprias experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial desta pesquisa era somente conhecer a perspectiva dos profissionais de Psicologia sobre TIC's. Porém, no processo de análise outro tema ganhou relevo: a compreensão relativa às adolescências, questão que estava intrinsecamente atrelada ao olhar do/a psicólogo/a para o tema em estudo.

A partir da investigação da leitura que os profissionais da Psicologia estabelecem no contato em sua prática com estes jovens, foi possível perceber que as visões das adolescências, presentes nas falas dos profissionais, ainda apresentam fragmentos de uma visão naturalizada. Este fato indica que as naturalizações ainda circundam os discursos desses profissionais.

Considerando que o objetivo desta composição é compreender como os profissionais estão, através de seus olhares, contemplando as influências das TIC's sobre as adolescências, tentou-se captar também suas percepções sobre esta nova realidade. Pode-se constatar que os sujeitos participantes da pesquisa apresentaram inquietações ao lidar com o tema das tecnologias, e no campo, durante as entrevistas, expressões e comentários de insegurança e de desconhecimento corroboraram esta dedução.

Além de tentar entender as adolescências sob o ponto de vista destes profissionais e suas inquietações sobre as tecnologias, buscou-se mapear como estes compreendem as relações mediadas pelas plataformas tecnológicas presentes na atualidade. O que nos indicou que são percepções em construção e que certamente carecem de elaborações para uma melhor apropriação. Mas a importância destas categorias se potencializa mais quando percebemos que a demanda sinalizada a esse respeito é presente e crescente.

Quando se passa a observar essas categorias de forma integrada, pode-se perceber o estabelecimento de um panorama instalado na intervenção com adolescentes na atualidade. Isto que dizer que diante de uma crescente demanda, os psicólogos que apresentam inseguranças a respeito do entendimento das TIC's, e entendem as adolescências ainda de forma naturalizada, como também dilemas para o delineamento do que se efetiva ser uma relação quando mediada por plataformas, podem apresentar, uma compreensão fragmentada do fenômeno vivenciado por estes adolescentes.

Quando os adultos e/ou responsáveis alimentam os serviços com visões de conflitos e consequências devido a utilização que consideram excessiva pelo uso das tecnologias, passa-se a questionar como os profissionais conseguirão estabelecer o distanciamento adequado para conseguir compreender este novo fenômeno sem reeditar uma naturalização também pelo viés da tecnologia. Como as tecnologias da informação e comunicação estão instaladas e disponíveis para os adolescentes, estão mediando suas relações e proporcionando também elementos para uma construção subjetiva, é possível arriscar a dizer que ser adolescente na atualidade é estar também em constante relação mediada por estas novas tecnologias.

Todas as pontuações apresentadas neste artigo tiveram como finalidade trazer à tona questões que ficam muitas vezes delimitadas ao restrito campo de atuação do psicólogo e problematizá-las. Certamente que não seria possível tratar todos os problemas que assolam a prática profissional na atualidade, mesmo porque este trabalho está muito distante de todos os pormenores dessas interrelações mediadas pelas tecnologias e a intervenção psicológica na atualidade.

REFERÊNCIAS

ANACHE, Alexandra Ayach. O psicólogo e a promoção de saúde do adolescente que apresenta deficiência. In: CONTINI, Maria de L Jeffery; KOLLER Silvia Helena (Orgs.). **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 69-77.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Ed. Edições, 1977.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. V. 2, n 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

CETIC, TIC KIDS ON LINE BRASIL. Disponível em: <<http://cetic.br/pesquisa/kids-online/>>. Acesso em: 14 set. 2015.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CONTINI, Maria de L Jeffery; KOLLER Silvia Helena. **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

DONNAMARIA, Carla Pontes; TERZIS, Antônio. Algumas notas sobre as relações humanas mediadas por computadores. **Mental**, ano X, n 18, Barbacena MG, jan.-jun. 2012. p.165-178.

DORNELLES, Beatriz. **Mídia, imprensa e as novas tecnologias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FROTA, Ana Maria M. Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos pesquisa em psicologia**, Rio de Janeiro, v.7, nº1, jun. 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, nº 11, nov. 2007.

JOHNSON, ALLAN G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LEITÃO, Carla Faria; ABREU, Rosane dos Santos; NICOLACI-DA-

COSTA, Ana Maria. Profissionais à deriva: professores e psicoterapeutas na sociedade em rede. **Interações**. V.10, nº19, São Paulo, jun. 2005.

LEITÃO, Carla Faria; NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **A psicologia no novo contexto mundial**. Estudos de psicologia. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2003.

MOZZATO, A.R.; GRZYBOVSK, D.I. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **RAC**, Curitiba, v.15, n.4, p.731-747, jul./ago. 2011.

NEJM, Rodrigo; RIBEIRO, José Carlos. Vivendo esse mundo digital. In: ABREU; EISENSTEIN; ESTEFENON (Orgs.). **Desafios geracionais na promoção do uso ético da internet**. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 301-310.

OZELLA, Sergio. Adolescência uma perspectiva crítica. In: CONTINI, Maria de L Jeffery; KOLLER Silvia Helena (Orgs.). **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 16-24.

PORTELA, Marco Antônio. A crise da psicologia clínica no mundo contemporâneo. **Estudos de Psicologia**, Campinas. V. 25. n.1. 2008.

RENA, Luiz Carlos C. Branco; SOUZA, Leticia Soares de; NASCIMENTO, Rubens Ferreira; ALMEIDA, Vicente. **Juventude em Movimento: uma experiência de extensão Universitária a partir do IV JUBRA experiência**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012.

SANTANA, Luciano Lucena; Rena, Luiz Carlos C. Branco. Adolescência e processo grupal: uma experiência extensionista na formação em Educação física na Puc Minas. In: **Juventude em Movimento: uma experiência de extensão Universitária a partir do IV JUBRA experiência**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, 2000.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M.; VILELA, R.A.T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

